

O USO DE REDES SOCIAIS COMO PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Robson Victor Araujo¹

RESUMO

O modelo de sala de aula tradicional já não funciona bem, pois vivemos em uma época de continuidades e rupturas. E, diante dessas importantes transformações vivenciadas pela educação e pela tecnologia na contemporaneidade, se faz necessário à elaboração de estudos pontuais que possam compreender como se produzem essas mudanças, e como elas podem afetar a sociedade. Desse modo, o objetivo principal da referida pesquisa foi realizar um diálogo possível entre educação e tecnologia, mais especificamente o uso das redes sociais como ferramenta na prática de ensino da disciplina de História. Propõem-se abordar como essa ferramenta pedagógica pode auxiliar os educandos na atual era digital. O estudo, em relação a sua metodologia, usou a pesquisa exploratória, significando especificamente um estudo de caso, que abordou técnicas qualitativas. O objeto de análise foi uma comunidade virtual de aprendizagem, denominada “*Oficina de História*”, a qual foi criada na rede social *Facebook*, na intenção de ser um instrumento de interação da disciplina no Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE

Prática de ensino; redes sociais; história.

ABSTRACT

The traditional classroom model no longer works well, because we live in a time of continuities and ruptures. In the face of these important changes experienced by education and technology in contemporary society, it is necessary to draw up specific studies to understand how to produce these changes, and how they can affect society. Thus, the main objective of this research was to perform a possible dialogue between education and technology, specifically the use of social networks as a tool in teaching practice of the discipline of history. Propose to address how this pedagogical tool can help students in the current digital age. The study, in relation to its methodology, used the exploratory research, meaning specifically a case study, which addressed qualitative techniques. The object of analysis was a virtual learning community, called “History Workshop”, which was created on the social network Facebook, intending to be a discipline of interaction instrument in high school.

KEYWORDS

Teaching practice; social networks; history.

O presente artigo nasceu do desejo de pensar as práticas de ensino e aprendizagem em sala de aula, visto que os professores, de modo geral e, mais especificamente, os de História vêm lidando com certa apatia por parte dos alu-

¹ Doutorando na Universidade de São Paulo, na área de História Social. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (CAPES 3) onde desenvolvia/desenvolve pesquisa acerca da Cultura na obra de Ariano Suassuna. Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2008). Professor na rede Estadual na Paraíba desde 2013.

nos no que diz respeito ao uso das redes sociais² no ensino de História. Desse modo, faz-se necessário que, a cada ano, se pesquise o mundo do educando para assim montar práticas didáticas que possibilitem uma aprendizagem prazerosa.

Cada vez mais cedo, as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos. Mais do que entreter, as redes sociais podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no trabalho do professor em sala de aula, desde que bem utilizadas.

Diariamente os professores precisam disputar com as tecnologias a atenção dos alunos com isso o uso das redes sociais como prática no ensino de História na sala de aula busca aproximar esses dois mundos. A escola vem enfrentando um problema: as várias tecnologias que os alunos levam e usam na escola estão em descompasso com as metodologias aplicadas por certos professores e não é novidade que, durante as aulas, os estudantes atualizam seus perfis, curtem fotos de amigos, comentam publicações, assistem a vídeos, e tudo isso enquanto o professor explica o conteúdo.

A proibição feita por algumas instituições, em muitos momentos, causa situações tensas em sala de aula, o que termina por desgastar professores e alunos. O que fazer então? Se proibir não é a solução, liberar também não é. Portanto, é preciso encontrar um ponto de equilíbrio para resolver essa questão. Um ditado muito conhecido diz que: *Se não pode vencê-los, junte-se a eles*, pode ser perfeitamente aplicado para resolver esse impasse. Se não é possível proibir, vamos permitir a utilização, mas não de forma leviana. Nossa investigação foi vincular o uso da tecnologia à educação, e a estratégia utilizada foi o uso do *Facebook*.

Nosso objetivo foi analisar essa rede social enquanto estratégia na aprendizagem de estudantes que a utilizam como meio de sociabilidade. Assim desenvolvemos nossa pesquisa a partir caminhos possíveis, tais: a) compreender as comunidades virtuais de aprendizagem como um ambiente agregador na construção do conhecimento; b) perceber a relação de autonomia do educando perante as novas mídias inseridas na prática de ensino-aprendizagem; c) entender essas comunidades virtuais como ferramenta de comunicação que permite um diálogo aberto entre educação e aprendizagem. A metodologia empregada foi à leitura e discussão dos temas escolhidos para a produção de seminários temáticos, bem como aulas dialogadas, leitura individual e coletiva, entrevistas, e

2 Neste trabalho, o termo redes sociais remete as ferramentas tecnológicas que permitem com que os relacionamentos sociais ocorram virtualmente, sem desconsiderar os indivíduos que as manipulam. São exemplos dessas ferramentas: *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Orkut*, *Ebah*, *LinkIn*, *Google+*, dentre outros.

exposições orais. Os textos produzidos em casa e no laboratório de informática da escola, em grupo ou individualmente, foram analisados e avaliados pelo professor, pelo grupo de alunos e, posteriormente, publicados na internet.

AS REDES SOCIAIS PARA EDUCAR

As redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos e essa é uma realidade que se encontra na ordem do dia. Mais do que entreter, as redes sociais podem se tornar ferramentas de interações valiosas para auxiliar o trabalho do professor na sala de aula. Com forte potencial para aplicações educacionais, as redes sociais ainda não ganharam status como instrumento pedagógico. Falta compreensão de que a metodologia deve vir antes da tecnologia. Muitos pais e educadores não sabem o que são, de fato, essas redes sociais e ficam imaginando o que acontece nesse lugar de onde os jovens não arredam o pé e onde acontecem casos de polícia, com os quais a mídia convencional amedronta professores e pais. As redes sociais são espaços de encontro, com enormes possibilidades de estimular e enriquecer a aprendizagem.

O contato com os estudantes na internet ajuda o professor a conhecê-los melhor. Quando o professor sabe quais são os interesses dos jovens para os quais dá aulas, ele prepara aulas mais focadas e interessantes. Considerado o contexto apresentado nossa investigação se propôs a responder a seguinte indagação: como explorar o *Facebook* como estratégia na relação ensino-aprendizagem em sala de aula? Tomamos como estudo de caso uma turma da Escola do Ensino Médio da Escola Estadual do Ensino Médio Luiz Gonzaga Burity, localizada na cidade do Ingá, Paraíba. Nossa investigação, portanto tem como objetivo comum conceber um caminho das práticas do uso desta nova tecnologia para estimular as atividades em sala de aula.

As tecnologias da informação e comunicação oferecem recursos para potencializar as práticas de ensino-aprendizagem na área de educação abrindo novas possibilidades para complementar o ensino formal. Esses novos instrumentos vêm ampliando a interatividade e a flexibilidade de tempo no processo educacional, por isso é possível fazer uso das redes sociais para contribuir no processo de ensino-aprendizagem (SILVA; COGO, 2007, p. 02). Uma estatística que sustenta a afirmativa anterior é a citada por Ederaia Lorenzo em seu livro *A utilização das Redes Sociais na Educação*(2017) que menciona que os sites de redes sociais no Brasil são os que mais têm aumentado seu número de visitação na *Web*, passando até dos serviços de e-mails.

Os alunos já estão familiarizados com essas redes sociais. Mesmo que não queiram misturar educação com o lazer, eles já sabem utilizar essas ferramentas. Em contrapartida, há obstáculos relacionados à cobertura da internet no Brasil e a questões de privacidade, visto que na maioria das vezes as redes sociais são bloqueadas nas escolas, impedindo a socialização desses alunos no meio *on-line*. O problema está no fato das redes sociais serem consideradas como elemento de distração nas escolas. Na maior parte das instituições de ensino o acesso a essas páginas é bloqueado para os alunos. Assim, para que se possa usufruir desta ferramenta para aperfeiçoar o ensino, é preciso que as redes sociais sejam mais bem exploradas através do planejamento de uso com critérios, ética e responsabilidade.

As redes sociais já evoluíram muito desde o início de suas atividades. Do jeito que as conhecemos já sofreram modificações e foram aperfeiçoadas, desde os primeiros passos com a oferta de comunicação via internet com o aplicativo *MIRC em 1995, ICQ, MSN, SKYPE* e em seguida com a chegada de fato do primeiro site com recursos como o *Orkut* até ser ultrapassada pelo *Facebook*. Este último foi lançado em 2004 e, a princípio, era uma rede de relacionamento restrita para os universitários de Harvard. Foi no ano de 2006 que foi aberta para o público.

O *Facebook*, de acordo com o site *socialnetworkingwatch*³, é com folga a maior rede social do mundo ultrapassando um bilhão de usuários. Nos últimos 6 meses, com a adesão de 16,6 milhões de novos usuários brasileiros, ultrapassou o *orkut* totalizando a estimativa atual de 50 milhões (79% dos jovens que usam a internet). Estes passam em média 7,5 horas ao mês conectados a rede social, na maior parte do tempo vendo vídeos e sites de humor, conforme o site *comScore*⁴.

Ao usar os recursos de redes sociais na disciplina de Biologia, Minhoto (2012) demonstrou que devido à familiaridade com o contexto do *Facebook*, a interação dos alunos proporcionou a construção ativa de conhecimento. Não obstante, Airton Zancanaro (et. al. 2012), relata que as facilidades presentes no *Facebook* geraram grande motivação e agregação de valor para os estudantes. O *Facebook* pode ser explorado como ferramenta pedagógica importante, principalmente na promoção da colaboração da prática educativa, e ainda, permite a construção crítica e reflexiva da informação e do conhecimento (FERNAN-

3 <http://www.socialnetworkingwatch.com/>.

4 <http://www.comscore.com/por/>. O *comScore* é uma empresa dos EUA de análise da internet que fornece a grandes empresas, agências e publicidades do mundo.

DES, 2011). Como observado, há diversos experimentos positivos do *Facebook* para fins educacionais. Tal experiência gerou um guia para uso desta tecnologia em sala de aula que corresponde ao produto desta pesquisa. A seguir apresentamos o caminho empregado neste trabalho.

UMA OFICINA DE HISTÓRIA NO ESPAÇO VIRTUAL.

Fizemos a mediação com a criação de uma comunidade virtual de estudos. Convidamos os alunos de séries diferentes para participarem do grupo chamado OFICINA DE HISTÓRIA na rede social *Facebook*. Isso pôde nos ajudar a diagnosticar as dúvidas e os assuntos de interesse dos estudantes que foram trabalhados em sala de aula, de acordo com os conteúdos curriculares já planejados para cada série. O grupo no *Facebook* pôde ser concebido como espaço de troca de informações entre professor e estudantes, vejamos a descrição do grupo.

O grupo OFICINA DE HISTORIA foi pensado no ensino-aprendizagem da História, mas numa forma de interatividade que não se restringe apenas ao espaço físico da escola. A sala de aula também pode ser aqui, ali e em todo lugar. Todos os participantes do grupo podem fazer uso do espaço para indicar links interessantes ou páginas de instituições que podem ajudar em seus estudos. A colaboração entre os alunos proporcionou o aprendizado fora de sala de aula e contribuiu para a construção conjunta do conhecimento. (ARAÚJO, Robson. Facebook, Texto do autor).

Disponibilizamos conteúdos extras para os alunos. As comunidades virtuais são bons espaços para compartilhar com os alunos materiais multimídia, notícias de jornais e revistas, vídeos, músicas, trechos de filmes ou de peças de teatro que envolva assuntos trabalhados em sala, de maneira complementar. Verificamos que os alunos passam muitas horas nas redes sociais e por isso, foi mais fácil eles pararem para ver conteúdos compartilhados pelo professor no ambiente virtual. Esses recursos de apoio foram disponibilizados para os alunos na Oficina de História, mas não nos limitamos a deixá-los apenas disponíveis no *Facebook*, porque alguns estudantes podem não fazer parte de nenhuma dessa rede. Para compartilhar materiais de apoio e exercícios sobre os conteúdos trabalhados em sala, porém obtivemos êxito nos vários exercícios disponibilizados nos arquivos na comunidade virtual.

Promovemos discussões e compartilhamos exemplos. Aproveitamos o tempo que os alunos passam na internet para promover debates sobre temas do cotidiano orientando os alunos a desenvolverem o senso crítico e incentivando os mais tímidos a manifestarem suas opiniões. Instigamos os estudantes a se manifestarem, propondo perguntas com base em notícias vistas nas redes, por exemplo. Essa pode ser uma forma de mantê-los em dia com as atualidades, sempre cobradas nos exames de ingresso a universidade. Elaboramos um calendário de eventos por meio de ferramentas como “*Meu Calendário*” e “*Eventos*”, e assim o professor pode recomendar à sua turma os dias de encontros e as apresentações, a exibição de filmes. Esse calendário foi também utilizado para lembrar os alunos sobre as entregas de trabalhos e datas de avaliações. Porém, vale lembrar: eles não podem ser a única fonte de informação sobre os eventos que aconteciam na escola, em dias letivos.

Organizamos um chat para tirar dúvidas. Com alguns dias de antecedência, combinamos um horário com os alunos para tirar dúvidas sobre os conteúdos ministrados em sala de aula. Utilizamos o chat do *Facebook*, para conversar com a turma - mas essa não foi a única forma de auxiliá-los nas questões que ainda não compreenderiam. A grande vantagem de fazer um chat para tirar dúvidas *on-line* é a facilidade de reunir os alunos em um mesmo lugar sem que haja a necessidade do deslocamento físico.

Tivemos que tomar alguns cuidados na rede, dentre os quais estavam: estabelecemos previamente as regras do jogo. Nos grupos abertos na internet, não se costuma publicar um documento oficial com regras a serem seguidas pelos participantes. Este código de conduta geralmente é colocado na descrição dos próprios grupos. Conforme as interações forem acontecendo, as regras iam sendo alteradas; não excluimos os alunos que estavam fora das redes sociais. Os conteúdos obrigatórios como os exercícios que foram trabalhados em sala e alguns textos da bibliografia da disciplina que não estavam apenas nas redes sociais mas também nos livros adotados pela escola. Os alunos que passam muito tempo conectados podem se utilizar desse alibi para convencer seus pais de que estão nas redes sociais porque seu professor pediu.

A partir do estudo da Modernidade, foi possível realizar uma atividade interativa com os alunos do 2º Ano, Turma A do Ensino Médio, que consistiu na realização do que chamamos de Seminários Temáticos com o objetivo de promover a troca de informações e socialização do conhecimento sobre os

temas estudados e estimular os alunos a opinar a respeito dos assuntos debatidos. O seminário foi feito da seguinte maneira:

Passo 01: Organizamos os alunos em grupos de tal forma para que cada um escolhesse por sorteio um capítulo do livro didático utilizado nas aulas.

Passo 02: Cada grupo ficou responsável por pesquisar na biblioteca ou em sites especializados mais informações sobre o tema do qual iria apresentar. Anotar os principais dados obtidos e a bibliografia consultada na pesquisa.

Passo 03: Com base nas anotações feitas, os alunos foram trocar ideias sobre o material pesquisado, definir os conteúdos que seriam apresentados, os objetivos, a forma e a ordem da apresentação.

Passo 04: Ao final dessa etapa, os alunos montaram seminários a partir de suas conclusões das suas pesquisas para toda a sala. A apresentação foi realizada com o uso de Slides e o acompanhamento em tempo real na rede social.

Elaboramos eixos de discussões nas apresentações dos alunos e que foram caracterizados da seguinte forma:

- Eixo 01 – Uma era de (r)evoluções e transformações

A Modernidade consiste num rico período de transformações para as sociedades que se viram, direta ou indiretamente, envolvidas nos percursos das mudanças revolucionárias, tecnológicas, emancipadoras, ou mesmo, filosóficas, que transcorreram nessa época. Eric Hobsbawm, no prefácio do seu livro *A era das revoluções*, indica o significado deste momento da história ao definir a sua escolha metodológica para fazer o recorte de temas, de tempo e de espaço, que compõem seu trabalho:

Este livro traça as transformações do mundo entre 1789 e 1848 na medida em que essa transformação se deveu ao que aqui chamamos de ‘dupla revolução’: A Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Industrial (inglesa) contemporânea. Portanto, não se trata estritamente de um livro de história da Europa, nem tampouco do mundo. Na medida em que um determinado país tenha sentido repercussões da dupla revolução nesse período tentei referir-me a ele, embora frequentemente de maneira superficial. Sempre que esse impacto da revolução fosse irrelevante, omiti-o. Logo, o leitor encontrará aqui alguma coisa sobre o Egito e não sobre o Japão; mais sobre a Irlanda do que sobre a Bulgária; mais sobre a América Latina do que sobre a África. Naturalmente isto não significa que as histórias dos países e povos omitidos neste livro sejam menos

interessantes ou menos importantes do que as que aqui se incluem (HOBBSBAWN, 2005, p. 15).

Dessa forma a temática constituiu um panorama abrangente do período, não necessariamente com a mesma marcação temporal e espacial definida por Hobsbawm. São investigadas as transformações ocorridas na Europa, o processo de independência das colônias ibéricas e os primeiros tempos de independência.

- Eixo 02 – Napoleão Bonaparte e a construção de mitos

O tema da construção dos mitos na modernidade pode ser explorado de forma significativa a partir das noções do que é um herói e mostrando esses elementos como exemplo de conduta moral e ética. Pode-se perceber que, para cada época, surgem determinado tipo de herói, que se ajusta a valores e as ambições do tempo que se gestou. Alguns dos heróis que conhecemos hoje só foram admirados em vida. De maneira geral, eles inspiram um modelo a ser seguido, seja por suas atitudes e conquistas ou pelas características de sua personalidade como humildade e determinação. Os heróis só existem como exemplos quase sobre-humanos de conduta, o que impede que eles sejam vistos como pessoas comuns, que possuem qualidades e defeitos.

A construção de narrativas povoadas por heróis existe desde a Antiguidade, com gregos e romanos. Nesse caso, os heróis são míticos e realizam tarefas extraordinárias. Como no caso de Odisseu, Hercules e Aquiles. No grupo dos que alcançaram a posteridade, existem também muitos políticos e militares, a exemplo de Napoleão Bonaparte que foi utilizado para debater sobre a construção do *self-made man*.

- Eixo 03 – A Liberdade e seus significados

É importante discutir com os alunos os significados do conceito de liberdade no contexto das independências coloniais na América no final do século XVIII e ao longo do XIX. Partindo do que os jovens entendem por “ser livres”, trabalhar os sentidos históricos dados a esse conceito: na Antiguidade, representava mais um sentimento interior, uma visão cosmogônica, trabalhada na filosofia pelo estoicismo; na Idade Média, relacionava-se à submissão do sujeito diante de um Deus onisciente; no Renascimento, à faculdade humana de controle da natureza. Com o Iluminismo e a Revolução Francesa, o conceito assumiu uma face concreta, a liberdade política e jurídica, como o fim da servidão,

por exemplo, e passou a ser associado aos direitos do homem e aos deveres da cidadania. É esse conceito que será adotado pelos movimentos emancipacionistas na América hispânica no século XIX.

- Eixo 04 - O difícil caminho para a Democracia

Nesse eixo de debates foram abordadas as insurreições ocorridas na América Portuguesa antes da independência. São analisados os motivos que levaram a esses levantes e a composição social que os caracterizava. Paralelamente, analisam-se a vinda da família real portuguesa para o Brasil no início do século XIX e os desdobramentos desse fato para a vida social, política, econômica e cultural do futuro país.

No percurso das atividades realizadas as seguintes ações foram desenvolvidas: transformamos as notas em conquistas. Notas são escalas que não dizem por si só se um aluno é ou não proficiente no assunto. Pode-se argumentar que uma média 7 delimita a aprovação e a caracterização da proficiência. Mas isso abre portas à interpretação de que a nota 6,5 é uma “quase proficiência”. Não queremos que os nossos alunos busquem uma nota, queremos que eles busquem a proficiência em si. A conquista dessa proficiência pode ser representada por uma medalha, carimbo ou estrela. O professor determina as conquistas a serem alcançadas e fornece instruções sobre como fazê-las, o que pode chamar de missões. Cada conquista deve ser atingível com atividades curtas.

Por exemplo, fazer uma lista de exercícios sobre o Tiradentes na aula pode ser a missão que tem como recompensa a medalha “Inconfidência Mineira”. Para conquistar a medalha “Movimentos Emancipacionistas”, o aluno deve conseguir um conjunto de medalhas, como a já falada da “Inconfidência Mineira”, ou da “Revolução Pernambucana”, entre outras. O professor seria o juiz que entrega os prêmios, mas pode até delegar a responsabilidade a alunos que conquistarem o direito. As conquistas, na verdade, devem coexistir com as notas tradicionais, mas são apresentadas no lugar das notas como uma forma mais motivadora de estudar.

Abrimos espaço para colaboração. O momento em que estamos fazendo uma prova é de pura concentração. Observamos os estudantes comentando e compartilhando as respostas ao final da prova. Lamentamos cada erro cometido e desejamos voltar no tempo para corrigir. Acontece que aprender com os erros é uma excelente prática. Não desperdiçamos este momento. Fizemos o seguinte: cada aluno assina sua prova com um código que só ele e o professor

conhecem. Realizada a avaliação, o professor corrige, mas marca nas provas apenas o número de erros e de acertos. Em outro momento, devolve as provas aos seus alunos, mas não para o dono. Nessa hora, cada um tem a chance de aumentar a nota de algum colega, identificando e corrigindo os erros. As regras sobre o peso da correção, a forma de correção, são determinadas pelo professor. Uma terceira chance da mesma atividade pode ser realizada, caso o professor queira. Imaginem só a alegria dos alunos em conseguir notas melhores ao mesmo tempo em que aprendem melhor sobre o assunto estudado!

Valorizamos competências e conhecimento no lugar de informação. Estudantes precisam muito mais de conhecimento do que de informação. A informação está disponível gratuitamente para qualquer pessoa com acesso à Internet. Assim, evitamos passar para os alunos trabalhos que podem ser feitos com uma simples busca no Google. Por exemplo, em uma das aulas de história, levamos várias matérias antigas tais como: um ferro de passar a brasa, uma boneca de pano, discos de vinil, um candeeiro e um binóculo e foram narradas histórias de utilização desses objetos. Ressaltando a importância das fontes históricas como aquelas que falam de um passado a partir de questões colocadas pelos alunos e professor. Compreender as sociabilidades antigas e como o sujeito interagia na produção do conhecimento. Depois foi pedido que os alunos escrevessem uma história a partir das memórias dessas fontes históricas.

Introduzimos o elemento surpresa na aula. É certo pensar que as regras para aprovação em uma sala de aula devem ser claras e iguais a todos. Porém, o professor, como educador, pode modelar o sistema com o objetivo de melhorar a motivação e o aprendizado dos seus alunos, desde que não prejudique ninguém com essas surpresas. O sentimento de que, a qualquer momento, dependendo da sorte, podemos ser recompensados de alguma forma, faz qualquer ser humano ficar mais atento no seu ambiente. Esse elemento de surpresa e sorte pode parecer completamente aleatório para o estudante, mas não precisa ser tão aleatório na perspectiva do professor. Ninguém precisa saber que o professor deu uma mãozinha ao aluno que ele acha que precisa de mais motivação, não é verdade? Duas situações trabalhadas foram:

a) Chocolate surpresa: Fim de aula, o professor sorteia um aluno. Esse aluno ganha um papel com uma pergunta escrita. Caso responda a essa pergunta na hora, ele ganhará dois chocolates. Se levar para casa e devolver respondida, ganha apenas um chocolate.

b) Convidado Especial: Levar um convidado especial para ajudar na aula. Pode ser um engenheiro civil falando sobre como a matemática é usada no seu trabalho diário. Ou levando um cachorro de estimação para ilustrar a aula de biologia dos mamíferos.

Obviamente, não há respostas fáceis ou simples para os desafios que a educação enfrenta. A única certeza, porém, é que precisamos enfrentá-los de mente aberta, sempre pronta a tentar algo novo e aprender rapidamente. Nossas orientações foram nesse sentido, onde obtivemos uma boa recepção por parte dos alunos e alunas que participaram estimulando o gosto pelo aprendizado em História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do *Facebook* como prática de ensino é uma realidade. A ampliação do conceito de mundo virtual pautando a vida humana quer através da internet ou de quaisquer outros recursos tecnológicos, tem possibilitado novas metodologias de aprendizagem, que se relacionam com o dinamismo da comunicação humana contemporânea. Assim podemos concluir que as redes sociais como ferramenta complementar na prática de ensino ainda é algo bastante recente e que requer estudos mais aprofundados, com a finalidade de permitir um aproveitamento pedagógico maior. Desse modo, essas tecnologias podem se aproximar mais do ambiente escolar, contribuindo para o enriquecimento das práticas pedagógicas.

Percebemos que as tecnologias são uma nova forma para a abordagem dos conteúdos de História. Entretanto, a inserção dos recursos tecnológicos pode não ser uma garantia plena de aprendizagem, uma vez que, a mesma necessita de planejamento e um maior conhecimento em relação às suas práticas por parte dos educadores e educandos, para que seus resultados sejam positivos e realmente colaborem para a construção do conhecimento. A partir da análise da comunidade virtual foi possível concluir que o processo de ensino-aprendizagem através do compartilhamento e do uso da informação para propósitos educativos, possibilitam novas contribuições, onde, convém destacar, a aquisição de novas competências e habilidades, e a atuação da interatividade tornando os alunos protagonistas desse processo.

As redes sociais tornam-se também um ambiente para o desenvolvimento da cidadania e para a inovação. As interações entre as pessoas interferem

diretamente nessas novas práticas, e são essas interações que permitem e instigam a aprendizagem, fortalecendo as relações e os benefícios sobrevividos delas. Outra constatação interessante foi o reconhecimento da rede social como um espaço facilitador das conexões, de acesso a *links* de interesse, concebendo uma prática flexível de gestão eficiente da aprendizagem. Em outras palavras, as ações de pesquisa e escolha de conteúdos relacionados à proposta da disciplina a qual a comunidade virtual estava interligada foram beneficiadas pela arquitetura da rede social, que admite concentrar e organizar, em suas páginas, as referentes ligações.

Ainda de acordo com o caso analisado, foi possível perceber que a relação educação e tecnologia e, especificamente, sua vertente na mídia eletrônica apresenta grande potencial para a ampliação do acesso às informações pedagógicas mais substanciais, e para a criação de novos espaços de interação social. Portanto, intui-se que os espaços informais de educação exibem limitações semelhantes aos espaços criados pelas instituições tradicionais de educação, no caso as salas de aula. Isso está ligado à realidade existente na prática de ensino-aprendizagem, na qual as relações de poder entre os atores ainda são bastante concentradas na figura de um único detentor do saber, no caso o professor, e não na mobilização contínua dos atores em construir o conhecimento mutuamente.

Por fim, diante do exposto no referido artigo, faz-se importante cultivar a criação no ambiente escolar de espaços que favoreçam práticas educativas com acesso à tecnologia e ao conhecimento através das intervenções midiáticas. Contribuindo para a construção de uma educação mais próxima da realidade dos alunos. Vale mais uma vez ressaltar que, a tecnologia não é, e nem nunca será, a solução principal para os problemas educacionais e da sociedade em geral, mas, que cabe a todos os envolvidos se conscientizarem da importância de cada um na construção ativa do conhecimento, com o objetivo de valorizarem tanto os aspectos técnicos quanto os humanos, que devem ser pautados na ética, no respeito mútuo e na cidadania.

O tema, por ser relativamente ainda pouco explorado pelo âmbito acadêmico, não se extingue neste trabalho, mas, pelo contrário, abre-se um caminho de muitos outros pesquisas e questionamentos como em que sentido a utilização de uma comunidade virtual altera os papéis tradicionais do aluno e do professor? Quais os principais significados para a implementação dessa prática? A utilização de comunidades virtuais pode construir um fator de democratização

da educação? Essas e muitas outras questões necessitam de atenção que precisam ser estendidos em outros estudos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 1997.
- BORDENAVE, J. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRAGA, J.; CALAZANS, R. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- BRANDÃO, C. **O que é Educação**. São Paulo: Abril Cultura Brasiliense, 2001.
- FERNANDES, L. **Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes**, 2011. Disponível em: http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf. Acesso em: 30. Out. 2012.
- HOBSBAWN, E. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KARNAL, L. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KENSKI, V. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2. ed. São Paulo: Papirus. 2007.
- LORENZO M. E. **A utilização das redes sociais na educação**. 2011. Disponível em: http://www.clubedeautores.com.br/book/50369A_Utilizacao_das_Red_Sociais_na_Educacao. Acesso em: 29 de junho de 2013.
- MINHOTO, P. V. **A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano**. Bragança: Escola Superior de Educação. 2012. Dissertação (Mestrado) - Ensino das Ciências, 2012.
- PATRICIO, R.; Gonçalves, V. **Facebook: rede social educativa?** I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593-598, 2010. <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>.
- PRETTO, N.L. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas: Papirus, 2008. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Acesso em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 11 set. 2013.
- RÜDIGER, F. **História da educação e da pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, A. P. S. S.; COGO, A. L. P. **Aprendizagem de punção venosa com objeto educacional digital no curso de graduação em enfermagem**. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre/RS, v. 28, n. 2, p.185-192, 2007.
- ZANCANARO, Airton et al. **Redes Sociais na Educação a Distância: uma análise do projeto e-Nova**. Datagramazero: Revista da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 2, abr. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr12/Art_05.htm>. Acesso em: 30 out. 2012.

Data de recebimento: 26/12/2017

Data de aceite: 30/01/2018